

## SIMPÓSIO AT101

### A VIUVINHA E CINCO MINUTOS: SUCESSOS DE PUBLICAÇÃO IGNORADOS PELA CRÍTICA OITOCENTISTA

SAMPAIO, Andreia Ferreira Alves Carneiro  
FAT - Faculdade Anísio Teixeira (Bahia/Brasil)  
deia\_lves@yahoo.com.br

**Resumo:** Durante o século XIX, devido às transformações sociais que aconteciam no mundo, com o surgimento das indústrias e a produção em larga escala, a literatura tornou-se bem de consumo, principalmente em forma de folhetim. Assim, os livreiros da época, almejando o crescimento no número de leitores e a vendagem de jornais e livros, planejavam, de todas as formas estratégias que pudessem transformar o livro um produto de consumo popular. Ignorando os críticos literários da época, em diversas situações, os livreiros costumavam lançar, em forma de livro, folhetins que faziam sucesso com o público leitor, visando apenas o lucro e não a qualidade dos romances publicados. Neste contexto, este estudo irá analisar os folhetins: *A viuvinha e Cinco Minutos*, do romancista José de Alencar, os quais, apesar de alcançar, em um curto espaço de tempo, um número significativo de leitores, foram totalmente ignorados e, em alguns momentos rechaçados pela crítica literária da época. Será confrontada a maneira como o romancista tão rechaçado em seu tempo, ganhou lugar de destaque nas estantes dos acadêmicos e leitura obrigatória nas escolas da atualidade. Para elaboração deste estudo, foram utilizadas como fonte de pesquisa jornais de circulação da época, e relatos de críticos literários oitocentistas, bem como o romance autobiográfico *Como e porque sou romancista* do escritor José de Alencar.

**Palavras-chave:** Literatura de Jornal; José de Alencar; Formação do Cânone; Crítica Literária.

**Abstract:** During the nineteenth century, due to the social transformations that happened in the world, with the emergence of industries and large-scale production, literature became a consumer product, especially in the form of a book. Thus, booksellers of the time, aiming for growth in the number of readers and the sale of newspapers and books, planned, in any way, strategies that could turn the book into a popular consumer product. Ignoring the literary critics of the time, in various situations, the booksellers used to launch, in book form, serials that were successful with the readership, aiming only for the profit and not the quality of the published novels. In this context, this study will analyze the pamphlets: *A viuvinha* and *Cinco Minutos*, by the novelist José de Alencar, which, despite reaching a significant number of readers in a short space of time, were totally ignored and, at times rejected by the literary critic of the time. It will be confronted the way the novelist so rejected in his time, gained prominence in the bookshelves of the academics and obligatory reading in the schools of the present time. In order to elaborate this study, newspapers of circulation of the time, and reports of eighteenth-century literary critics, as well as the autobiographical

novel *Como e porque sou romancista* of the writer José de Alencar were used as research source.

**Keywords:** Journal Literature; José de Alencar; Formation of the Canon; Literary criticism.

## Introdução

Compreender a aceitação pelo público de uma obra, faz-nos pensar acerca de suas intenções: Para quem ela foi escrita? Que moldes seguiu seu escritor? Na atualidade é comum o uso do termo *Best-sellers* (ou campeões de vendas) para nomear os livros mais vendidos durante determinado período. Reis afirma que é necessário “averiguar de que forma o cânon é reproduzido e como circula na sociedade”, (REIS *in* JOBIM, 1992, p. 74). Sendo assim, o questionamento que aqui caberia é: De que forma circulou a primeira edição dos folhetins Alencarianos? Talvez seja ousado exercer um questionamento como esse, uma vez que os cânones são inquestionáveis, ou melhor, estão sempre sendo questionados. “Nas artes em geral e na literatura, (...) cânon significa um perene e exemplar conjunto de obras (...) um patrimônio da humanidade (...) cujo valor é indisputável.” (REIS, *in* JOBIM, 1992, p. 70). Desta maneira, será aqui analisado o processo de formação e publicação das duas primeiras obras alencarianas: *Cinco Minutos* e *A Viúvinha*.

### 1. Breve histórico:

José de Alencar, nascido em 1 de março de 1829, numa época em que se criam novelas a serem publicadas em jornais era comum. Trabalhava, então, no jornal *Diário do Rio de Janeiro*. “Ao aproximar-se o fim do ano de 1856, Alencar imaginou ‘oferecer aos assinantes da folha um mimo de festa’. Seria a origem da estréia do romancista” (VIANA FILHO, 1979, p. 68). Assim, “começa a ser publicado em folhetins, no *Diário do Rio de Janeiro*, o pequeno romance *Cinco Minutos*” (MENDES, 1965, p. 04), cujo autor era então desconhecido. “Alencar é o romancista da vida brasileira nos meados do século XIX, período de grandes transformações sociais em que a mulher começa a

evoluir de sua condição de cativa.” (CADEMARTORI, *in*: ALENCAR, 1999, p. 06). “Publicado em meia dúzia de folhetins de 22 a 30 de dezembro de 1856 (...) É a experiência inaugural de José de Alencar na criação ficcional para imprensa” (RIBEIRO, *in* Fragmentos de Cultura, 1999, p.1081). Sodré afirma que folhetim era inicialmente, na segunda metade do século XIX, “o romance publicado por partes, diariamente, no rodapé dos jornais. Passou a designar mais tarde um tipo específico de narrativa, em que predominam a ‘imaginação’ e ‘curiosidade’ de época” (SODRÉ, 1985, p.74). Mendes afirma que:

Os dois primeiros livros, *Cinco minutos* e *A Viuvinha*, são dois pequenos romances, duas novelas, aliás, à moda das novelas de seu tempo, de que era modelo *A Moreninha*, de Joaquim Manuel de Macedo que, em obras posteriores, *O Moço Louro*, *Os Dois Amores*, forneceu ao público os enredos, personagens e concepções românticas que ele preferia e apreciava. Diante do êxito do romance de Macedinho, como era familiarmente conhecido o autor de *A Moreninha*, os escritores novos procuravam servir ao público os mesmos pratos de sua predileção, preparados segundo as receitas em moda. O mesmo iria acontecer com Alencar, cujas obras tiveram imitadores em todo o Brasil (MENDES, 1965, p. 09-10).

Alencar seguia um modelo ideal de história, de acordo com os padrões de sucesso da época. “Caberia salientar que o ideário romântico no Brasil é um projeto de afirmação da nacionalidade, no que encontrava total respaldo no Segundo Reinado” (REIS, *in* JOBIM, 1992, p. 79). O que o tornou posteriormente “o mais consagrado de nossos romancistas (...) cujos romances regionalistas, indianistas e de ‘psicologia social’ são um marco na literatura romântica do II Reinado” (MALERBA, 1999, p.115).

## 2. Análise do romance Cinco Minutos:

Segundo as pesquisas de Ribeiro, a novela *Cinco minutos* foi da seguinte maneira publicada:

QUADRO DE CORTES COM GANCHO DO ROMANCE CINCO MINUTOS		
Dia 22/12/1856	Capítulos I e II	Corte no final do II
Dia 23/12/1856	Capítulos III e IV	Corte no final do IV
Dia 24/12/1856	Capítulos V e VI	Corte no final do VI
Dia 25/12/1856	Capítulo VII	Corte no final do VII
Dia 28/12/1856	Capítulo VIII	Corte no final do VIII

Dia 29/12/1856	Capítulo IX	Corte no final do IX
Dia 30/12/1856	Capítulo X	Final do romance

Fonte: (RIBEIRO, *in* Fragmentos de Cultura 1999, p.1083).

De posse do livro, percebe-se que cada corte do folhetim foi proposital, de maneira que seus leitores jamais os abandonariam movidos pela curiosidade e suspense, “que uma nota sentimental e pequeno mistério alimentavam a emoção e a curiosidade dos leitores, cuja boa acolhida compensou o escritor. Pessoas insistiam em comprar o folheto reservado aos subscritores.” (VIANA FILHO, 1979, p. 68-69).

Sendo mais específico, analisemos alguns destes cortes: o primeiro folhetim mostra o contato inicial entre os protagonistas, um possível amor que surge e a desilusão dele não reencontrar a amada. O desistir dele, o baile e a primeira troca de palavras no teatro. Fim do primeiro corte e o leitor quer saber por que a protagonista afirma que seu amor é impossível. “O episódio inicial é pleno de um sensualismo que se insinua numa atmosfera de penumbra, com a aproximação dos corpos dos dois personagens no banco do bonde e o beijo do narrador-protagonista no ombro de Carlota.” (RIBEIRO, *in* Fragmentos de Cultura 1999, p.1082).

No segundo folhetim, Carlota envia um bilhete a seu amado, que sai em uma viagem e quando a consciência lhe cobra, ele retorna e encontra uma segunda carta. O protagonista viaja a procura de Carlota, encontra-a, falam-se na penumbra da noite, declaram amor, mas ele ainda não a viu. Alencar sempre mantém o suspense, até o desenrolar final de sua história.

E é este suspense que faz com que o leitor siga em busca do folhetim seguinte. Inicia-se com um breve diálogo, com juras de amor, e só então o narrador pode ver a sua amada. “Eu sabia que era bela; mas a minha imaginação apenas tinha esboçado o que Deus criara.” (ALENCAR, 1998, p. 32). Na manhã seguinte, o protagonista recebe uma carta de Carlota junto a uma “caixinha de pau de cetim.” (ALENCAR, 1998, p. 34), onde estava um retrato de sua amada, “alguns fios de cabelo e duas folhas de papel escritas por ela.” (ALENCAR, 1998, p. 34). Inicia-se então a leitura da primeira folha da

carta e a revelação da doença de Carlota. Neste momento Alencar suspende a narrativa, que terá continuidade na edição seguinte do jornal.

Note-se que a todo o momento há o suspense, o texto é cortado sempre em pontos críticos, fazendo com que o leitor busque pelo fim da história, algo semelhante ao que acontece atualmente nas telenovelas e seriados. O quinto folhetim trazia apenas um capítulo contendo apenas a continuação da carta: Carlota afirma que sabe de sua doença, apesar dos esforços de sua mãe para esconder-lhe a real gravidade de sua enfermidade. Narra, então, o encontro do bonde, no baile, no teatro, tentando explicar-lhe o porquê das fugas. Finaliza a carta dando-o duas opções: ou afastar-se dela, algo totalmente previsível ou ir ao seu encontro, que ela estaria esperando-o.

'Deixo-te, pois, meu retrato, meus cabelos e minha história: beija esta folha muda, onde os meus lábios deixaram-te o adeus extremo. Entretanto meu amigo se, como tu dizias ontem, a felicidade é amar e sentir-se amado; se te achas com força para partilhar essa curta existência, esses poucos dias que me restam a passar sobre a terra, se me queres dar esse consolo supremo, único que ainda embelezaria minha vida, vem. (...) Eu espero; mas temo. (...) Adeus para sempre, ou até amanhã.'

Carlota (ALENCAR, 1998, p. 42)

Aqui começa toda a correria do romance. Muda-se o cenário, abandona-se o Rio de Janeiro, atravessa-se o Atlântico e segue-se para Europa. Começa o trajeto de protagonista em busca de sua amada. Os folhetins seguintes trazem os sacrifícios e desencontros, como a compra de um cavalo que deveria percorrer quatro léguas ininterruptamente num prazo de uma hora ea morte do animal antes de chegar a seu destino. Por fim eles se encontram, declaram amor eterno e casam em Florença, na Igreja de Santa Maria Novella. Como milagre, tempos depois Carlota fica curada de sua doença e retornam para o Brasil, em Minas Gerais, para viverem juntos o amor ideal, merecido após tantos momentos de provações. Cademartori afirma que

Há no conjunto de obras de Alencar, uma rejeição ao casamento por interesses: base da sociedade do senhor territorial. Desse autoritarismo colonial era preciso evadir-se para o mundo íntimo das preferências individuais sob a inspiração do amor ideal e com a proclamação dos direito da

mulher e do homem a esse sentimento. (CADEMARTORI, In: ALENCAR, 1999, p. 07-08).

Percebe-se então uma mostra do amor ideal, aquele capaz de curar as enfermidades. Nesta época, os casamentos arranjados eram ainda comuns e Alencar promove a idéia do casamento por amor, mostrando que algumas mudanças estavam acontecendo, a sociedade estava se transformando.

### **3 A viúva: sucesso de publicação ignorado pelos críticos**

O romance *A Viúva* não alcançou o sucesso esperado, pois foi necessário interromper a edição “quando, por engano, um companheiro seu divulga o final da história na *Revista de Domingo*, um dos cadernos do *Diário do Rio de Janeiro*. A publicação teve sua estreia no dia 01 de janeiro de 1857 e finalizou-se em 20 de abril do mesmo ano. “Na edição do folhetim e na primeira edição do livro, José de Alencar emprega o artifício de atribuir a origem da história a um manuscrito encontrado em um armário, sendo depois melhorado pelo marido de Carlota.” (RIBEIRO, J., 1999, p.1085-1086), mostrando-se intimamente ligado ao primeiro folhetim do escritor. Posteriormente atribui-se a origem da história ao relato de Carlota – ainda no primeiro folhetim – feito pela própria Carolina – protagonista de *A viúva*.

Carlota é amiga íntima de Carolina. Elas acham ambas um ponto de semelhança em suas vidas: é a felicidade depois de cruéis e terríveis provanças. As nossas famílias se visitam com muita frequência; e posso lhe dizer que somos uns para os outros a única sociedade. Isso lhe explica, D\*\*\*, como soube todos os incidentes desta história. (ALENCAR, 1999, p.65)

Essa alusão à personagem de seu primeiro folhetim, faz com que, a partir de um personagem-narrador, o texto pareça ter mais autenticidade e aproxime-se mais do imaginário do leitor. Devido à história haver sido contada anteriormente pelos protagonistas garante perante os leitores a autenticidade, ao mesmo tempo em que permite que exima o narrador de qualquer culpa ou contradição que venha a ocorrer. Essa técnica era muito utilizada nas publicações de folhetim, “fantasia descabelada, sem dúvida, mas originadas de

fatos ‘verídicos’, contados por quem os protagonizou.” (MOISÉS, 1998, p. 08), fato esse que, de certa forma, gerava credibilidade.

De acordo com Cândido, o sucesso de *A viúvinha* aconteceu devido aos dois passados que “determinam o destino de Jorge [o protagonista]: o honrado, de seu pai, e o seu, eivado de fraquezas que virão pedir-lhe contas numa hora decisiva, encurralando-o na respeitabilidade burguesa.” (s/d, 227-228). Jorge recebe a notícia de que estava falido e o nome do seu pai, morto, perdera a credibilidade, as vésperas de seu casamento, e isso só ocorreu por sua culpa. O personagem chega a hesitar em relação a seu casamento, quer adiá-lo, uma vez que sua falência poderia macular a reputação de sua amada. Todavia, percebe que abandonar Carolina no altar poderia prejudicá-la ainda mais.

Outra ideia lhe viera ao espírito; lembrou-se que no estado a que tinham chegado as coisas essa ruptura havia de necessariamente prejudicar a reputação de sua noiva. Ele seria causa de que se concebesse uma suspeita sobre a pureza dessa menina, que havia respeitado como sua irmã, embora a amasse com uma paixão ardente; e este só pensamento paralisara a sua mão sobre o papel. (...) lembrava-se, no tempo da sua vida brilhante, que comentários não faziam seus amigos sobre um casamento rompido às vezes pelo motivo mais simples. (ALENCAR, 1999, p.23)

Decide então casar-se e logo após a cerimônia fugir e suicidar-se. Anos depois o personagem reaparece, após resgatar o seu nome e o nome de seu pai, para retomar seu amor. Mais uma vez surge “o amor romântico, como retificador de conduta” (COELHO, 1982, p.33).

#### 4. Últimas impressões:

No decorrer deste estudo, tentou-se mostrar os artifícios usados por Alencar para atrair seu público de leitores, artifícios estes que o colocaram, posteriormente, em um lugar de destaque no cânone brasileiro. Isso não quer dizer que todos os escritores *Best-sellers* ocuparão no futuro tamanho lugar. Antes disso deve-se sim questionar suas qualidades literárias, para que possam, ou não, serem aceitos no cânone. Alencar não era mercadológico, escrevia para o público, seguia modelos, alguns próprios, outros nem tanto .

com seu estilo próprio, descrevendo o “amor romântico, a linguagem harmoniosa, a dialogação natural e viva” (MENDES, 1965, p. 09).

Mesmo sendo recharçado pela crítica, Antonio Cândido defende José de Alencar ao escrever que o romancista “foi capaz de fazer literatura de qualidade tanto dentro do esquematismo psicológico, quanto do senso da realidade humana.” (s/d, 231). Barbosa complementa que “embora fizesse sucesso junto ao público, os nossos primeiros romances não deixavam de ser considerados, pelos literatos ‘sérios’, como ‘uma leitura agradável, diríamos quase um alimento de fácil digestão, proporcionado a estômagos fracos.” (1999, p.13). Os romances de Alencar eram rechaçados pelos críticos, e durante sua vida, o escritor deparou-se a todo o momento com comentários semelhantes a este.

A opinião critica divergia com a do público que cada vez mais buscava as obras do escritor e emocionavam-se com seus romances. Os ‘literatos sérios’, não entendiam a profundidade da obra alencariana, acusam-no de não produzir uma obra de arte de qualidade por não reproduzir os moldes da literatura portuguesa. Calam-se ante a beleza da obra, não podendo criticá-la. Mendes sai em sua defesa ao afirmar que

Os romances de Alencar não são tão água com açúcar como se pretende. Acontece apenas que, dada a escola literária em que foram eles [os romances] realizados e o estado, no momento, dos estudos psicológicos, não poderia seu autor dar-lhes aquela profundidade de análises e aquela variedade de contrastes psicológicos que se encontram na obra de romancistas, mesmo românticos, que tiveram como material para criação de suas obras de ficção sociedades mais adiantadas, mais complexas, mais geradoras de tipos excepcionais e estranhos, não aquela do Brasil imperial dos começos da segunda metade do século passado. [século XIX]. (MENDES, 1965, p.12)

Mesmo sem perceber, Alencar fundava uma nova escola literária e os críticos da época talvez não tivessem visão suficiente para perceber isso. Como afirma Cândido, “a força de Alencar fica provada pelo fato de ainda estimarmos os seus livros apesar do açucaramento, que acabou por dar engulhos ao cabo de duas gerações.” (s/d, 232). A obra de Alencar perpassou



os séculos, sobreviveu à língua ferina dos críticos literatos e hoje assume papel de destaque no cânone brasileiro. O best-seller que ganhou o seu devido reconhecimento nacional.

## Referências

ALENCAR, José de **A viúvinha**. SP, FTD, 1999.

\_\_\_\_\_ **Cinco minutos**. SP, FTD, 1998.

\_\_\_\_\_ **Como e porque sou romancista**. In: *Obra completa*. Rio de Janeiro: Aguiar, 1959.

\_\_\_\_\_ **O guarani**. SP, FTD, 1999.

BARBOSA, Frederico. In: ALENCAR, José de. **O guarani**. SP, FTD, 1999.

CADEMARTORI, Ligia. In: ALENCAR, José. **A viúvinha**. SP, FTD, 1999

CÂNDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira**: momentos decisivos. 2º ed. São Paulo: Livraria Martino, s/d.

COELHO, Jacinto do Prado. **Dicionário de literatura**. 3º ed., 1º volume, São Paulo: Figueirinha do Porto, 1982.

JOBIM, José Luis. **Palavras Críticas**. RJ, Imago Ed., 1992

MALERBA, Jurandir. **O Brasil Imperial (1808-1889)**: Panorama da história do Brasil no SÉCULO XIX. Maringá, Eduem, 1999.

MENDES, Oscar. **José de Alencar**: Romances urbanos. RJ, Agir, 1965.

MOISÉS, Carlos Felipe. In: ALENCAR, José **Cinco minutos**. SP, FTD, 1998.

RIBEIRO, José Alcides. **Ficção e imprensa no Brasil**: Os processos de criação de José de Alencar e de Joaquim Manoel de Macedo. In *Fragments de Cultura*. Goiânia, V.09, Nº. 05 p.1080-1092, set./out.1999

SODRÉ, Muniz. **Best-seller**: A literatura de Mercado. SP, Ática: 1985.

VIANA FILHO, Luis. **A vida de José de Alencar**. RJ, José Olimpio, 1979.